

O turismo como alternativa de desenvolvimento sócio-econômico em áreas de assentamentos de reforma agrária: um estudo do Assentamento Rio das Pedras, Uberlândia - MG

*Luana Moreira Marques**
*Rosselvelt José Santos***

Resumo

O artigo estuda e apresenta potencialidades, atrativos e seduções passíveis de serem apropriadas pela atividade turística no Assentamento Rio das Pedras - localizado em Uberlândia, MG. Nesse sentido, buscou-se investigar, identificar e analisar as potencialidades, atrativos e seduções do assentamento em questão, propondo a inserção do turismo como atividade econômica nos espaços rurais. O trabalho contou com uma revisão bibliográfica sobre as temáticas abordadas e trabalhos de campo, que subsidiaram toda a pesquisa. Como resultado, verificou-se que a atividade turística apresenta características propícias para serem desenvolvidos em áreas de assentamentos de reforma agrária.

Palavras-chave: Assentamentos de Reforma Agrária; desenvolvimento local; turismo; agroturismo; turismo escolar.

Abstract

The paper discusses the presents potentialities, attractiveness and seductions for tourist activity of the settlement Assentamento Rio das Pedras- located in Uberlândia, MG. In this sense, it tried to investigate, identify and analyze the potentialities, attractiveness and seductions of the establishment, proposing the inclusion of tourism as economic activity in rural areas. A bibliographical revision about the approached themes and field work subsidized the whole research. As a result, it was verified that some tourist activity has characteristics likely to be developed in areas of agrarian reform settlement.

Key-words: Settlement of the Agrarian Reform; locality development; tourism; agrarian tourism; school tourism.



Laboratório de Tecnologia e
Desenvolvimento Social



Introdução

A concentração de terras no Brasil em forma de latifúndios é um fenômeno histórico, o que confere uma grande desigualdade social no campo. Com a Revolução Verde - quando o meio rural foi modernizado, substituiu-se o trabalhador do campo pelos maquinários agrícolas, levando à expropriação dos pequenos produtores familiares. Estes migram para as cidades e formam o que se convencionou chamar de massa proletária.

Não conseguindo suprir suas necessidades básicas, essa massa almeja voltar ao campo, mas não há lugar para ela. Surgem, dessa forma, movimentos sociais que visam a desconcentração rural e lutam pela desapropriação das terras não produtivas para fins de reforma agrária.

O processo de requisição da terra e formação de um assentamento é bastante lento e burocrático. As famílias que atravessam esta dinâmica e se tornam assentadas encontram no processo de fixação na terra diversos problemas justificados, sobretudo, pela falta de condições de produzir, vezes pela escassez de recursos financeiros, vezes pela falta de habilidades (*know how*).

É importante destacar que os problemas de produção e produtividade dos assentamentos de Reforma Agrária geram o decréscimo ou estagnação do nível de qualidade de vida dos assentados, promovendo o abandono e/ou venda dos lotes a terceiros e o retorno das famílias ao espaço urbano.

Dessa maneira, torna-se fundamental a busca de atividades alternativas que promovam o desenvolvimento social, econômico e cultural das famílias assentadas, fazendo com que a reforma agrária brasileira se torne mais eficaz e diminuindo, conseqüentemente, a evasão no campo.

Neste sentido, a implantação de atividades não-agrícolas no espaço rural, com destaque ao turismo, constitui uma alternativa de desenvolvimento local para as famílias assentadas. Observou-se, então, que o Assentamento de Reforma Agrária Rio das Pedras, localizado no município de Uberlândia - MG, possui áreas de grande potencial para a implementação da atividade turística.

Material e Métodos

No primeiro momento da pesquisa, realizamos uma revisão bibliográfica destacando temas referentes à reforma agrária, à formação de movimentos sociais, ao turismo, ao turismo em espaços rurais, ao agroturismo, ao planejamento turístico e ao desenvolvimento local e sustentável.

Posteriormente, fizemos algumas visitas a campo para diagnosticar o potencial turístico da área, colher material iconográfico e entrevistar os assentados visando um posicionamento dos mesmos em relação ao desenvolvimento da atividade turística, caracterizando assim, a experiência empírica e o planejamento participativo, que possibilitam uma visão dialética da temática abordada.

Após detectarmos as potencialidades, passamos a nos atentar para as carências da área, que podem inviabilizar a visitação no assentamento.

Deve-se ressaltar ainda que as atividades em campo foram de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que para produzir um plano turístico deve-se conhecer muito bem a área de trabalho.

Caracterização do êxodo rural brasileiro

A intensa migração dos pequenos produtores rurais para a área urbana, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980,

*Bacharel e Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), ex-bolsista PIBIC/CNPq e graduanda em Turismo e Hotelaria pelo Centro Universitário do Triângulo (Unitri). (luana.geotur@yahoo.com.br)

**Professor Doutor do Programa de Pós-graduação do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia e coordenador do Laboratório de Geografia Cultural e Turismo. (rosselvelt@ufu.br)

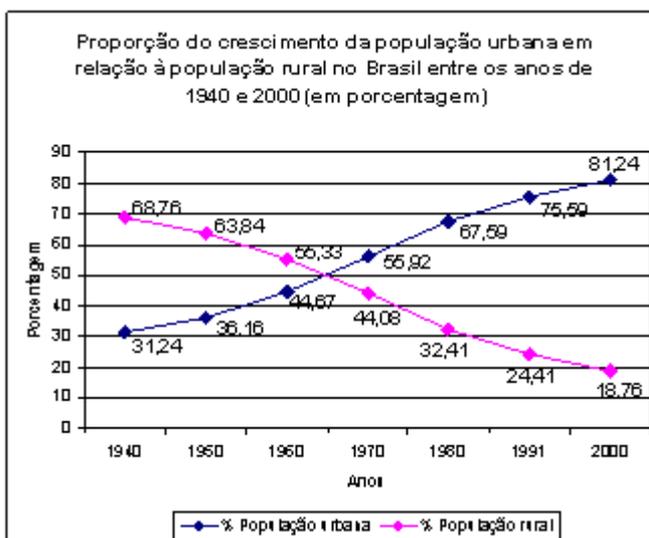
caracterizou um fenômeno conhecido como êxodo rural brasileiro. O êxodo se justificou, sobretudo, pela exclusão dos pequenos proprietários e trabalhadores rurais do processo de modernização do campo.

Sem possuir recursos financeiros e técnicos para competirem com a grande produção latifundiária, os pequenos proprietários e trabalhadores rurais foram levados a comercializar suas terras -

rural, uma vez que aproximadamente dois terços dos brasileiros (68,76%) moravam no campo, enquanto apenas um terço (31,24%) habitava os espaços urbanos. Entretanto, esse cenário se modificou rapidamente, já que em 1991 - meio século depois - grande parte dos brasileiros (75,59%) passou a residir nas cidades.

Destaca-se que o processo de migração campo-cidade foi impulsionado,

GRÁFICO 1 - Proporção do crescimento da população urbana em relação à população rural no Brasil entre os anos de 1940 e 2000



Fontes: IBGE - Censo demográfico de 2000 ; IBGE - Censo demográfico: Séries Históricas - Adaptado por: MARQUES, Luana Moreira.

geralmente a baixo preço - e se estabelecer nas cidades, determinando, assim, um movimento migratório da massa excluída para os centros urbanos e contribuindo ainda, com o processo de concentração fundiária brasileiro. Nesse contexto, destaca-se o gráfico 1, que apresenta o crescimento da população urbana e o declínio da população rural entre os anos de 1940 e 2000.

Observa-se no gráfico que na década de 1940 a população era essencialmente

principalmente, pelo grande desenvolvimento industrial a partir da década de 1950 e pelas políticas públicas que incentivaram a concentração de terras durante o governo militar, contribuindo, diretamente, para o estabelecimento do espaço urbano como lócus da maior parte da população brasileira.

Por outro lado, as cidades não possuíam infra-estrutura básica para atender toda a população advinda do campo.

Dessa maneira, os migrantes se estabeleceram em áreas insalubres, que proporcionavam baixa qualidade de vida às famílias. Percebe-se, então, que o processo de migração levou graves problemas estruturais às zonas urbanas, já que estas não foram planejadas para comportar a massa proletária advinda do espaço rural.

A tabela 1 apresenta o crescimento populacional brasileiro entre 1940 e 2000. Destaca-se o elevado aumento da população urbana, em detrimento da rural a partir da década de 1950.

É nesse cenário que as periferias das cidades se expandem, ou seja, a parcela carente da população se vê obrigada a viver em condições desfavoráveis nas áreas mais afastadas do centro financeiro urbano, onde há deficiência ou até inexistência dos serviços públicos básicos.

Todavia, parte dos trabalhadores rurais não se adaptou à dinâmica urbana, passando então a formar movimentos sociais que reivindicavam a desapropriação de terras improdutivas, que seriam posteriormente distribuídas entre as famílias

TABELA 1 - Crescimento populacional brasileiro entre 1940 e 2000

<i>Anos</i>	<i>População urbana</i>	<i>População Rural</i>	<i>População total</i>
1940	12.880.182	28.356.133	41.236.315
1950	18.782.891	33.161.506	51.944.397
1960	31.303.034	38.767.423	70.070.457
1970	52.084.984	41.054.053	93.139.037
1980	80.436.409	38.566.297	119.002.706
1991	110.990.990	35.834.485	146.825.475
1996	123.076.831	33.993.332	157.070.163
2000	137.953.959	31.845.211	169.799.170

Fontes: IBGE -Censo demográfico de 2000; IBGE-Censo demográfico: Séries Históricas. Adaptado por: MARQUES, Luana Moreira.

Nesse contexto é importante ressaltar que o meio urbano não dispunha de empregos suficientes para a massa migrante. Além disso, o saneamento básico era ineficaz e as políticas públicas não conseguiam sustentar a população que chegava do espaço rural, tendo em vista que as cidades já sofriam problemas estruturais causados pela rápida industrialização brasileira. Dessa forma, a qualidade de vida compartilhada pelos pequenos agricultores no campo foi rapidamente extinguida na área urbana.

pertencentes ao grupo de luta pela terra. Diante disso, muitas famílias conseguiram a posse de terras que, teoricamente, propiciariam uma maior qualidade de vida através da geração de renda, advinda da produção agropastoril.

Entretanto, as famílias assentadas não dispunham de conhecimentos nem recursos financeiros para investirem nas atividades agrícolas, uma vez que muitos perderam as habilidades - *know how* - relacionadas à

produção rural. Deve-se lembrar ainda que, boa parte dos assentados advém das cidades, não tendo, portanto, a experiência do trabalho no campo. Diante disto, as atividades não rurais, com destaque ao turismo, aparecem como alternativas de geração de renda para as famílias que vivem nos assentamentos de reforma agrária.

Atividades não-rurais como formas de desenvolvimento econômico no campo

A partir da década de 1980, um conjunto de atividades agrícolas e não-agrícolas pouco tradicionais no campo passaram a ser valorizadas e inseridas neste espaço, conquistando áreas onde, anteriormente, dominavam atividades estritamente agropastoris. Este cenário passou a ser conhecido como o 'novo rural brasileiro'.

De acordo com Silva e Del Grossi (s/d), o novo rural é composto por três grandes grupos de atividades: uma agropecuária moderna, baseada em commodities e com grande ligação às agroindústrias; um conjunto de atividades não-agrícolas, relacionadas à prestação de serviços, às atividades industriais, ao lazer e à moradia e, por fim, um conjunto de novas atividades agropecuárias que não eram tidas como atividades de grande potencial econômico como a floricultura e a fruticultura.

Neste sentido, Silva (1999), afirma que o campo brasileiro não deve ser observado/ analisado apenas pelas perspectivas das atividades tradicionais: pecuária, agricultura e agroindústria, uma vez que este espaço vem apresentando grandes mudanças com a inserção de novas formas de captação de renda não agrícolas como o turismo e o lazer, e também as agrícolas como a piscicultura, horticultura, fruticultura de mesa, floricultura, criação de pequenos animais, entre outras, que anteriormente eram tidas como hobbies, mas que ganham, a cada dia, mais espaço no mercado.

Para Marsden (1990, p.319 apud Silva, Vilarinho e Dale, s/d),

É como se houvesse uma busca incessante dos capitais no sentido de converter em mercadorias todos os valores de uso, o que leva à criação de novos mercados e de novas necessidades.

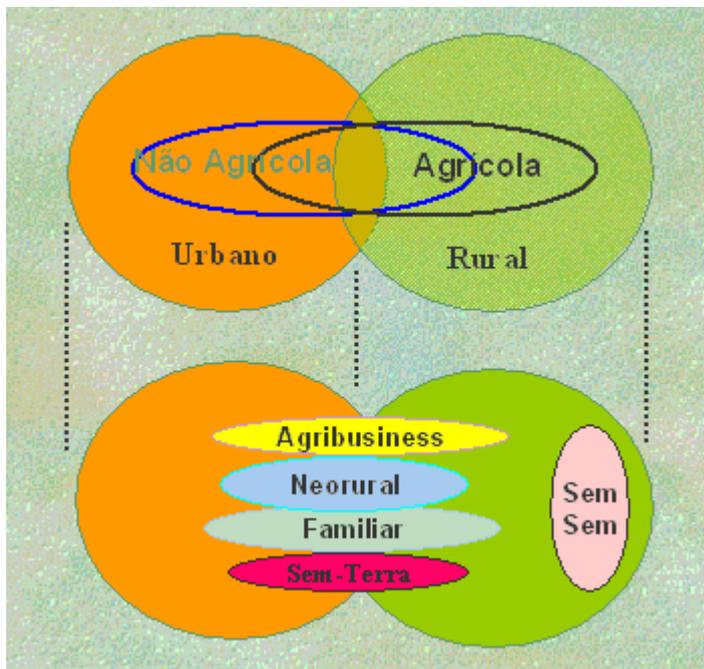
Diante disso, observa-se uma grande aproximação entre o espaço rural e o urbano. Eles passam a se confundir a partir do momento em que os modos de vida urbanos são levados ao campo juntamente com as atividades praticadas e desenvolvidas nas cidades.

Assim, são criadas novas temporalidades no campo, o ciclo de trabalho diário passa a ser estabelecido pelos veículos de comunicação - TV e rádio - e não mais pelos astros celestes. O modo de falar, vestir e se comportar, enfim, os valores e a identidade também ganham influências urbanas. Para Santos e Pirete (2004, p. 192):

(...) a dicotomia rural-urbano começa a perder sentido. Cada vez mais esses espaços se confundem, se aproximam e se integram. Não podemos mais definir o rural como a negação do urbano, pois muitas das atividades anteriores da modernização do campo, e consideradas do meio urbano, hoje estão inseridas no contexto das atividades desempenhadas também pelo meio rural, dando a este "novas funções". (...)

Neste sentido, destaca-se a figura 1, que ilustra as relações de trocas e influências entre o mundo rural e o urbano, incluindo alguns personagens como ex-cidadinos e profissionais liberais que passam a residir no campo (denominados neorurais), bem como as famílias assentadas (ex sem-terra) e os Sem-Sem, classificados dessa maneira por não possuírem terra e emprego (e quase sempre também não possuírem casa, saúde, educação e organização social). (Silva; Del Grossi, s/d)

FIGURA 1 - Novas relações e atividades no mundo rural.



Fonte: DEL GROSSI; SILVA (s/d)

Para entender o turismo como atividade econômica deve-se, primeiramente, trabalhar seus conceitos. Neste aspecto, há uma grande variedade de definições, não havendo ainda, um consenso quanto à conceituação mais adequada. Por outro lado, existem três eixos ou segmentos de enfoque que o definem, conforme a conveniência de cada um. São eles: o eixo econômico, o eixo técnico e o eixo holístico.

O eixo econômico relaciona o turismo às divisas geradas pela atividade, sendo por isso, uma definição bastante utilizada para fins estatísticos, levando grande parte das instituições responsáveis pelo planejamento, pelo marketing e pelos estudos turísticos a adotá-la, como por exemplo, a Embratur - Instituto Brasileiro de Turismo que, em 1992, defende o seguinte conceito:

É uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações compra e venda de serviços turísticos efetuadas entre os agentes

econômicos do turismo. É gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por qualquer motivo, excetuando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local que visita. (Embratur, 2002)

Percebe-se que esta definição está voltada essencialmente para o aspecto econômico da atividade turística. O conceito ainda enfatiza que as viagens com finalidade de geração de renda (trabalho remunerado) não são consideradas turismo, mesmo que o indivíduo utilize os equipamentos destinados à atividade.

Tem-se também o eixo técnico, que enfoca características técnicas da atividade, como por exemplo, o tempo de permanência do visitante no lugar, o objetivo almejado e a distância viajada, gerando duas classificações de visitantes: o turista e o excursionista. Para ser denominado turista, o visitante deve permanecer mais de 24 horas

no lugar de destino, caso contrário, ele é classificado como excursionista. Estas categorias foram definidas numa conferência em 1963, realizada na cidade de Roma, Itália, sobre Viagens Internacionais e Turismo, patrocinada pelas Nações Unidas. Na conferência, lançou-se a seguinte definição:

Para propósitos estatísticos, o termo 'visitante' descreve a pessoa que visita um país que não seja o de sua residência, por qualquer motivo, e que nele não venha a exercer ocupação remunerada.

Esta definição inclui:

turistas - visitantes temporários que permaneçam pelo menos vinte e quatro horas no país visitado, cuja finalidade de viagem pode ser classificada sob um dos seguintes tópicos: lazer (recreação, férias, saúde, estudo, religião e esporte), negócios, família, missões e conferências;

excursionistas - visitantes temporários que permaneçam menos de vinte e quatro horas no país visitado (incluindo viajantes de cruzeiros marítimos). (Conferência das Nações Unidas, 1963, apud Beni, 2003, p.35)

A definição acima foi adotada pela União Internacional de Organizações Oficiais de Viagens, hoje denominada OMT - Organização Mundial de Turismo, em 1968, passando desde então a defendê-la.

Por último destaca-se o eixo holístico, que busca desvendar a atividade turística num sentido mais amplo, observando os aspectos econômicos, sociais e ambientais. Lança-se, então, um olhar dialético sobre a paisagem e suas transformações. Wahab, 1972, apud Trigo (1998, p.12), apresenta a seguinte definição:

O turismo é uma atividade humana intencional que serve como meio de comunicação e como elo de interação entre povos, tanto dentro como fora de um país. Envolve o deslocamento temporário de pessoas para outras regiões ou países visando à satisfação de outras necessidades que não a de atividades remuneradas.

Wahab trata o turismo como uma atividade fundamental para o bem-estar da população, destacando a necessidade do lazer, inerente aos apelos físicos e psíquicos do ser humano. Wahab destaca também que a atividade turística é responsável pela realização de desejos (*satisfação de outras necessidades*). Estas necessidades são de âmbito cultural, como por exemplo, a aspiração de se conhecer a cidade natal dos ancestrais familiares, ou o deslocamento de um executivo que vive num determinado centro urbano para a área rural, buscando desfrutar das paisagens cênicas, visando o descanso mental e físico. Essas ações materializam a afirmação de que o turismo é um fenômeno social, devendo ser praticado por todos os segmentos da sociedade.

Em geral, as áreas rurais apresentam potencialidades para o desenvolvimento de alguns tipos de turismo como o rural, o de observação, o ecológico, o de aventura, o agroturismo, o escolar, dentre outros, que dependem dos atrativos naturais para se estabelecerem. Neste sentido, as áreas de assentamentos de reforma agrária podem ser apropriadas pela atividade turística, gerando renda e desenvolvimento local.

Observa-se uma grande ascensão do lazer e do turismo no meio rural. Este fato pode ser explicado, sobretudo, pela necessidade de evasão do cotidiano estressante vivido pelos cidadãos que passam a buscar, então, um ambiente onde encontrem paz, descanso e que permita o esquecimento, mesmo que momentâneo, dos problemas do dia-a-dia.

De acordo com Krippendorf (1989, p. 17):

(...) As pessoas viajam porque não se sentam mais à vontade onde se encontram, seja nos locais de trabalho, ou seja, onde morem. Sentem necessidade urgente de se desfazer temporariamente do fardo das condições normais de trabalho, de moradia e de lazer, a fim de estar em condições de retomá-lo quando regressem (...) viajamos para viver.

Cabe ressaltar ainda, que para Krippendorf (1989, p. 51):

(...) O turismo é uma válvula que permite o relaxamento das tensões, a orientação das esperanças irrealizadas da vida cotidiana para vias socialmente inofensivas. O lazer é uma droga aprovada pela sociedade, um analgésico que dá a ilusão de uma melhora passageira, mas que não pode curar a doença em si.

É importante destacar, também, que parte da população procura o espaço rural como atividade de lazer movida pelo saudosismo, isto é, pela vontade de reviver sensações anteriormente experimentadas - geralmente na infância, quando a pessoa estabeleceu um maior contato com o campo e com o meio ambiente.

Diante disso, verifica-se que a crescente busca por lazer e turismo em espaços rurais, já que nestes ambientes há a interação entre ser humano e meio rural - evento pouco comum nas áreas urbanas. Nesta perspectiva, o turismo pode ser analisado como uma importante atividade do novo rural brasileiro.

Cals, Capellà e Vaqué (1995, p. 10-20 *apud* Silva, Vilarinho e Dale, s/d), afirmam que o:

Crescimento da demanda de turismo rural deve inscrever-se dentro do amplo fenômeno de conscientização e reivindicação ecológica que vivem as sociedades avançadas e altamente urbanizadas nestes últimos anos do século XX. É um fenômeno de resposta a degradação do meio ambiente em escala planetária e de marginalização do não urbano (...). O turismo rural parece beneficiar-se, igualmente de um rechaço crescente do [sic] pacotes turísticos tal como tem sido elaborados tradicionalmente pelas grandes agências de viagens.

O turismo em meio rural caracteriza-se, essencialmente, por proporcionar caráter lúdico a atividades tradicionais do campo, como a ordenha de animais, as cavalgadas e o plantio de espécies vegetais. Destaca-se,

ainda, que ele se desenvolve e se desdobra em vários segmentos, como o agroturismo, o turismo de observação e o turismo educacional - atividades em potencial para serem implantadas em assentamentos de reforma agrária.

O agroturismo caracteriza-se por ser uma atividade secundária da propriedade rural, ou seja, ele é desenvolvido juntamente com outras atividades principais como a agrícola, a pecuária e a agroindústria, configurando-se, portanto, como um complemento de renda para a família receptora, sobretudo em épocas de entressafra. Observa-se que o grande diferencial do agroturismo é o fato do visitante poder vivenciar a rotina do campo e participar das atividades agropastoris, como, por exemplo, alimentar os animais, visitar plantações e aprender a fabricar produtos gastronômicos como doces e queijos.

De acordo com Scoullos *apud* Cavaco (1999, p. 119):

(...) o agroturismo é, por definição, um subproduto da agricultura, que atrai pela paisagem, em ligação com os sistemas tradicionais, pela vida animal (pecuária), pelas condições de vida e de trabalho, pelo funcionamento das comunidades rurais; ou noutros termos, uma atividade complementar e conexas da agricultura.

Neste contexto, faz-se necessário diferenciar o turismo rural do agroturismo. De acordo com Beni (2003, p. 429), turismo rural define-se como:

Denominação dada ao deslocamento de pessoas a espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para a fruição dos cenários e instalações rurícolas (...).

Dessa forma, o turismo rural caracteriza-se por ser a principal atividade econômica de uma propriedade rural, que depende diretamente dele para se sustentar.

Diante disso, observa-se que quando a principal atividade de um determinado espaço rural for a turística, têm-se o turismo rural, mas quando essa atividade for secundária, isto é, ser apenas um complemento da renda, tem-se o agroturismo.

Outro segmento de turismo passível de ser implantado em áreas de assentamentos rurais é o turismo de observação, que consiste na apreciação e registro visual das paisagens cênicas, bem como da fauna e flora de determinado espaço rural.

Destaca-se que os assentamentos de reforma agrária, em geral, apresentam áreas naturais de grande diversidade biológica que abrigam espécies animais e vegetais endêmicas, configurando, assim, um grande atrativo para os turistas que praticam a observação. E ainda, é importante enfatizar que esse tipo de turismo é estreitamente ligado à conservação do meio, já que este é o objeto de seu culto. Essa postura promove a conscientização ambiental da população local e dos demais visitantes em relação à importância dos recursos naturais e do espaço, tanto para a atividade turística, como para o bem-estar do homem.

O turismo educacional também dispõe de características propícias para ser desenvolvido em áreas de assentamentos rurais. Ele consiste em visitas a campo que materializam o estudo teórico apresentado em sala de aula. De acordo com Beni (2003, p. 432), o turismo educacional se dá pela:

(...) organização de viagens culturais mediante o acompanhamento de professores especializados da própria instituição de ensino com programa de aulas e visitas a pontos históricos ou de interesse para o desenvolvimento educacional dos estudantes.

Além disso, o turismo educacional pode proporcionar um intercâmbio de conhecimentos, hábitos e informações entre a população local - nesse caso as famílias

assentadas - e os estudantes, conferindo, assim, o enriquecimento cultural de ambas as partes.

É importante destacar, por último, que vários segmentos turísticos podem ser desenvolvidos no campo, dentre eles o ecoturismo, o turismo rural, o turismo de pesca, o turismo de aventura, dentre outros.

Todavia, o agroturismo e o turismo educacional apresentam características propícias para serem implementadas em áreas de assentamentos de reforma agrária, sobretudo por estarem diretamente ligados ao modo de vida e às características sócio-ambientais encontradas no campo, além de conservarem o meio, agregarem renda e qualidade de vida às famílias assentadas e propiciarem a valorização do espaço.

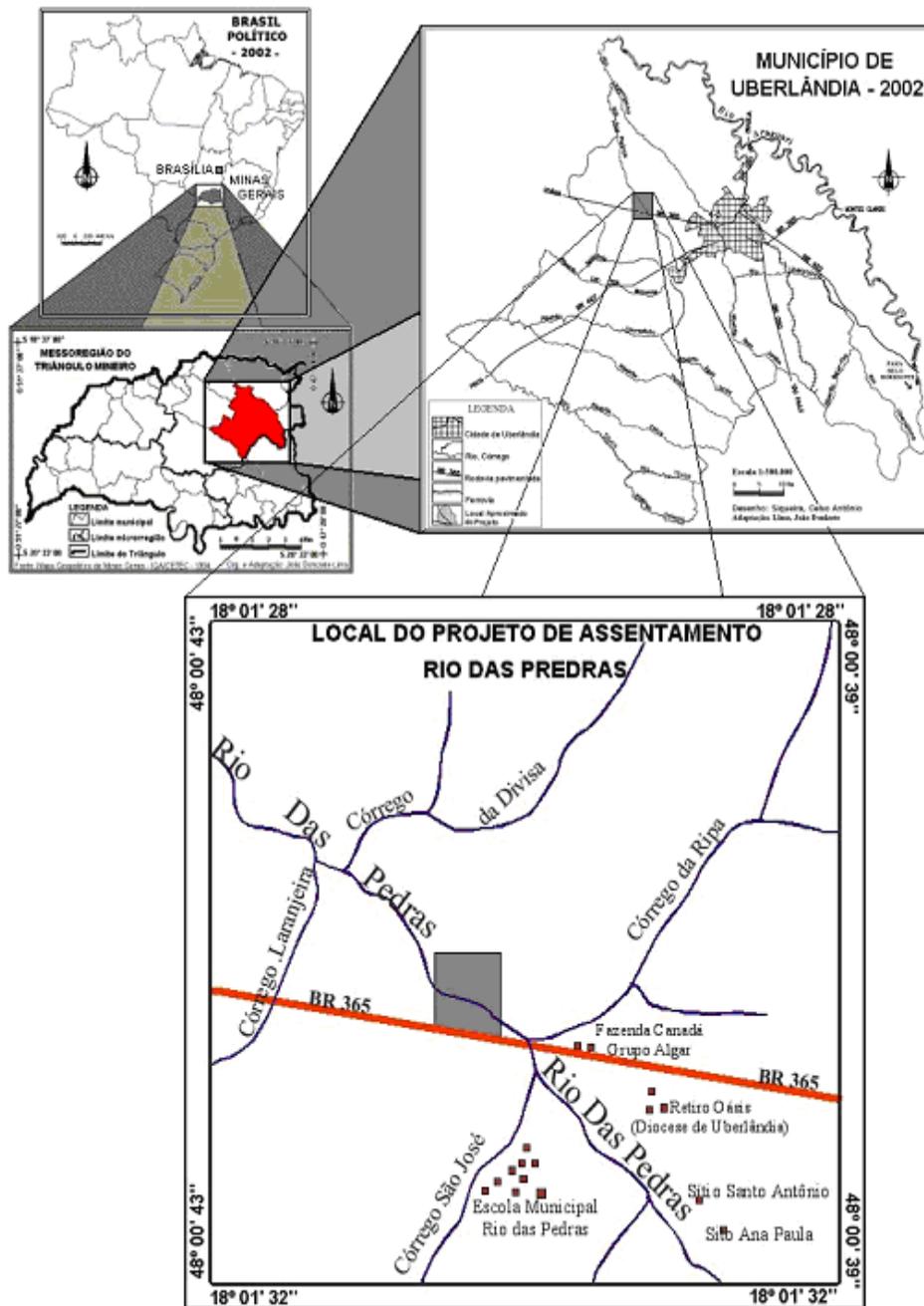
Por último, deve-se ressaltar que o turismo é uma atividade sazonal e por isso faz-se necessário ter cautela em abandonar as demais atividades rurais e ter o turismo como base econômica de um assentamento de reforma agrária, sendo aconselhável, portanto, tratá-lo como atividade secundária na maioria dos casos.

Nesta perspectiva, o agroturismo e o turismo escolar caracterizam uma atividade econômica alternativa, uma vez que propõem o desenvolvimento do turismo concomitantemente com a produção agropastoril. A partir de então, estudou-se a viabilidade do desenvolvimento destes segmentos no Assentamento Rio das Pedras.

Assentamento Rio das Pedras: características e potencialidades

Em abril de 1997, aproximadamente 170 famílias pertencentes ao MLST - Movimento de Libertação dos Sem-Terra, ocuparam a Fazenda Rio das Pedras, localizada em Uberlândia, mesoregião do Triângulo Mineiro, no Estado de Minas Gerais - Mapa 1. Após a investigação e constatação de que a área

Mapa 1: Localização do Assentamento Rio das Pedras



Fonte: Incra, 2002.

não era devidamente utilizada para a produção agropastoril, a mesma foi desapropriada para fins de reforma agrária, sendo dividida em 87 lotes com cerca de 20 ha. cada um, perfazendo um total de 1.905,1267 ha. (INCRA, 2002).

Nesse contexto, cada família assentada recebeu recursos para a construção de uma casa com cerca de 50 m², bem como financiamento do governo advindo do PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, para o início de suas atividades agrícolas.

A partir de visitas a campo nos anos de 2005 e 2006, pôde-se constatar que as atividades econômicas desenvolvidas no Assentamento Rio das Pedras são insuficientes para a manutenção da qualidade de vida das famílias residentes nessa área. Desse modo, verificou-se que as principais atividades que geram renda para os assentados são, respectivamente, a pecuária leiteira, o cultivo de mandioca e a produção de farinha de mandioca e polvilho.

Por outro lado, observa-se que os assentados enfrentam problemas de produção e produtividade. Destaca-se que as dificuldades da produção leiteira são dadas, sobretudo, pela alimentação do gado, pela proliferação de carrapatos nos animais e pelo manejo da pastagem. Em relação ao cultivo de mandioca, os principais obstáculos enfrentados são caracterizados pela proliferação de cupins e formigas que destroem a raiz e a parte aérea da planta,

pela falta de maquinário agrícola adequado para o preparo do solo e, também, pela dificuldade da comercialização da produção dos assentados.

Deve-se enfatizar ainda, que as famílias criam alternativas para suprir suas necessidades alimentares básicas, produzindo gêneros agrícolas de subsistência, destacando-se dentre eles, o cultivo de hortaliças, a criação de aves e suínos, o plantio de mandioca, milho, arroz, feijão e frutas, bem como a produção de leite. A figura 2 destaca a produção de hortaliças por uma das famílias assentadas.

Porém, mesmo com as iniciativas tomadas pelas famílias residentes no assentamento Rio das Pedras, observa-se a dificuldade em se obter e manter a qualidade de vida dos pequenos produtores rurais. Isso se justifica, principalmente, pela falta de habilidades para a produção agropastoril, pelos obstáculos encontrados no

FIGURA 2 - Modo rudimentar da produção de hortaliças. Parte do quintal for cercado e a irrigação é feita manualmente.



Autora: Luana Moreira Marques - Data: 10/2004

processo de obtenção do crédito para o investimento agrícola e pela dificuldade de comercialização e escoamento da produção.

O espaço comunitário do Assentamento Rio das Pedras detém boa estrutura física. Nele encontra-se o prédio da sede, composto por cozinha industrial, sala de reuniões, videoteca, banheiro feminino e masculino, escritório, depósito, telefone público e uma sala para implantação de consultório médico e odontológico. É importante destacar que no prédio da sede acontecem reuniões mensais para discutir os assuntos internos e externos ao assentamento e temas referentes à reforma agrária e à produção agropastoril. A figura 3 destaca a sede social, onde são realizadas essas reuniões e os atendimentos básicos aos assentados.

O espaço comunitário também dispõe de um barracão bem estruturado, com palco e área para a instalação de um bar/cantina, bem como banheiro feminino e masculino, além de ambiente que pode ser utilizado como estacionamento. É neste local que as festas são realizadas. Destaca-se, ainda, que estas estruturas podem ser aproveitadas pelos visitantes, viabilizando, assim, as excursões ao assentamento.

Há ainda uma outra área comunitária às margens da rodovia BR 365, perfazendo um total de 0,9 ha., destinada à comercialização de alguns produtos fabricados pelos assentados, como queijos, doces, artesanatos, entre outros. Todavia, esta faixa de terra ainda não foi utilizada para o fim proposto, caracterizando um

FIGURA 3 - Sede comunitária do Assentamento Rio das Pedras. Imóvel que possui infraestrutura básica passível de ser utilizada na prática do turismo receptivo.



Autora: Luana Moreira Marques - Data: 10/2004

potencial inexplorado e capaz de gerar renda para as famílias.

Em relação à infra-estrutura, os lotes do assentamento dispõem de energia elétrica e fossas sépticas biodigestoras, que transformam os resíduos domésticos em adubo orgânico. Esse processo evita que o esgoto contamine o solo e o lençol freático, diminuindo conseqüentemente, as despesas com a compra de insumos agrícolas, uma vez que estes são gerados no final do processo de biodigestão dos detritos orgânicos.

Teoricamente, o assentamento apresenta potencialidades e seduções passíveis de serem apropriadas pela atividade turística. Em cada um dos 87 lotes é possível verificar singularidades que, se trabalhadas, tornar-se-iam atrativos turísticos. Nesse sentido, algumas áreas no interior do assentamento se destacam, como foi caracterizado no mapa 2.

O mapa indica quatro reservas legais, onde predominam parte da fauna e flora endêmicas do cerrado, constituindo grande beleza cênica natural. Observa-se ainda, áreas de preservação permanente, caracterizadas pelo alto índice de nascentes. As áreas comunitárias destacam-se pela sua infra-estrutura receptiva, como a sede social e o barracão para a realização de eventos. Por último, verifica-se que os lotes representam potencial turístico na medida em que possuem grande diversidade produtiva, bem como pelas particularidades sócio-culturais das famílias assentadas. Destaca-se, na figura 4, uma área de preservação permanente que se configura como um patrimônio natural, de beleza singular.

De acordo com a pesquisa *in loco* e conversa com os moradores, constatou-se que a fauna e a flora presentes no assentamento são diversificadas. Em relação

FIGURA 4 - Área de preservação permanente do lote 56. Destaca-se a fragilidade ambiental desse espaço e a necessidade de sua conservação, uma vez que os espaços naturais são refúgios de diversas espécies do ecossistema.

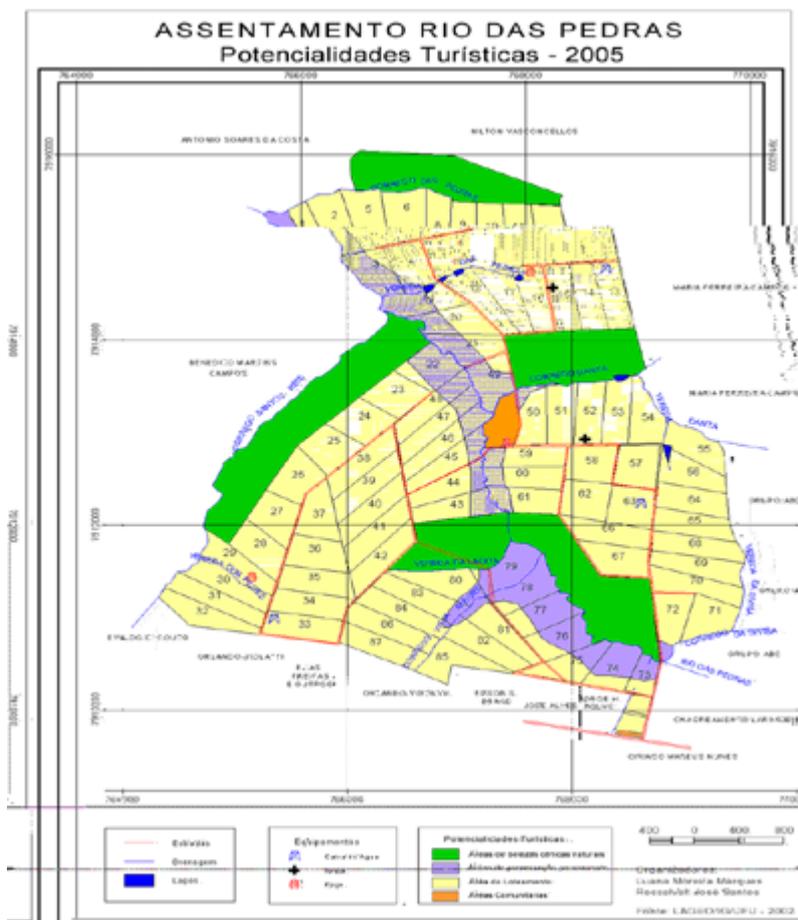


Autora: Luana Moreira Marques - Data: 05/2005

aos animais destacam-se a presença de capivaras, tamanduás, tatus, tucanos, seriemas, lobos-guarás e até veados-do-cerrado. Verificam-se, também, várias espécies vegetais, como pequizeiros, jabuticabeiras, goiabeiras, mamoeiros, entre outros.

área e os assentados. Entretanto, verifica-se o uso indiscriminado das veredas e nascentes pelas famílias. Estas utilizam as áreas úmidas como locais destinados aos roçados e à pastagem, propiciando o desenvolvimento de inúmeros processos físicos e químicos como

MAPA 2 - Áreas de potencialidades turísticas do Assentamento Rio das Pedras



O Rio das Pedras corta todo o assentamento, compondo áreas de grande beleza cênica e levando ao estabelecimento de uma faixa de preservação permanente que acompanha todo seu curso. Neste sentido, o assentamento dispõe de um considerável potencial hídrico já que apresenta várias áreas de veredas.

As veredas possuem elementos físicos e bióticos de grande fragilidade ambiental, o que inviabiliza o contato direto entre esta

a drenagem e o pisoteamento do solo. Esses processos causam a destruição da vegetação nativa, a introdução de espécies invasoras e a compactação do mesmo. No entanto, as veredas são passíveis de observação, o que não acarreta grandes impactos nestas áreas, configurando, assim, um atrativo turístico. Observa-se na figura 5 uma área de vereda e um lago artificial.

Em relação às potencialidades intangíveis, destacam-se as festas e a cultura local. O

FIGURA 5 - Área de vereda e lago artificial dos lotes 55 e 56. O lago propiciará a destruição dos buritis (*Mauritia flexuosa*) do entorno, já que a espécie não sobrevive em ambientes submetidos ao estresse hídrico.



Autora: Luana Moreira Marques - Data: 05/2005

Assentamento Rio das Pedras é marcado pela existência de algumas festas que já se tornaram tradicionais, dentre elas, a Festa de aniversário do Assentamento, comemorada no dia 14 de abril, a do Dia das Crianças e duas religiosas: a do Divino Espírito Santo, no segundo domingo de Julho e a Festa Junina, em louvor a Santo Antônio, São João e São Pedro.

As festas são atrativos que promovem a visitação dos locais em momentos específicos. Deste modo, a organização de eventos do tipo é de grande valia para a captação de renda e divulgação dos assentamentos rurais. Além disso, a festa é repleta de símbolos, que são referenciais para o entendimento da comunicação e, conseqüentemente do turismo, uma vez que ela passa a ser encarada no sistema capitalista como produto, isto é, objeto de exploração da atividade turística.

Destaca-se que as festas e comemorações realizadas no Assentamento Rio das Pedras vêm atraindo, além das famílias

assentadas e da população de entorno, os habitantes da zona urbana de Uberlândia, caracterizando desta forma, o reconhecimento e aceitação de parte da sociedade uberlandense em relação ao assentamento. Todavia, não se deve generalizar, já que o preconceito por parte da população em relação aos assentamentos rurais ainda é incisivo.

Diante disso, o Assentamento Rio das Pedras apresenta potencialidades, atrativos e seduções passíveis de serem apropriadas pela atividade turística, que por sua vez poderiam compreender, principalmente, a visita à área comunitária, a pesca nos lagos e rios do assentamento, passeios a cavalo, roda de viola nos finais de semana, campeonatos de truco, observação da fauna e flora características do cerrado, palestras a respeito da conservação do meio-ambiente e da conquista da terra, dentre outros.

O Assentamento Rio das Pedras ainda apresenta grande potencial de visitação no que diz respeito ao turismo escolar, concomitantemente à educação ambiental.

Diante da globalização, os jovens passaram a ser cada vez mais ativos e informados, entrando em conflito com as regras impostas pelas escolas tradicionais, com normas rígidas e aulas maçantes.

Nesta perspectiva, aulas dinâmicas aliadas a visitas a campo, configuram uma opção que deve ser seguida pelos novos educadores, uma vez que atrai a atenção dos estudantes, fazendo-os interagirem com o meio.

Posteriormente os alunos podem conhecer alguns lotes para observar o modo de produção e geração de renda das famílias.

Diante disto, os assentamentos de reforma agrária representam um destino em potencial para trabalhos de campo. Nestas áreas o aluno participa de experiências multidisciplinares e entra em contato com espaços naturais praticando a educação ambiental, além de constatar a importância do exercício da cidadania, verificada pela conquista da terra através de lutas políticas. Este tipo de interação gera grande crescimento intelectual, político e científico,

Figura 6: Palestra dada aos alunos da Universidade Federal de Uberlândia pelo representante da associação de moradores do assentamento Rio das Pedras.



Autora: Graziela Ribeiro Oliveira - Data: 06/2005.

No Assentamento Rio das Pedras, ainda não foi efetivamente implantado o turismo escolar, contudo algumas turmas visitaram a área, sendo recebidas pelo presidente da associação dos moradores, que trata sobre o processo de luta pela terra passando pela história do acampamento até o estabelecimento do assentamento.

tanto aos estudantes, como aos produtores visitados, uma vez que há o intercâmbio de conhecimentos entre ambas as partes.

O roteiro de campo do turismo escolar deve ser adaptado de acordo com cada turma de visitantes, adequando a teoria estudada à prática *in loco*. Além disto, pode-se discutir a importância da conservação do

meio-ambiente e dos recursos naturais para o estabelecimento da atividade turística, bem como para a melhoria da qualidade de vida da população local.

Nas entrevistas junto aos moradores do Assentamento Rio das Pedras, constatou-se o interesse dos mesmos no que tange à implantação da atividade turística. Entretanto, eles não acreditam que a área disponha de potencialidades que atrairiam

produção agropastoril (principal) com atividades de lazer e turismo (secundária), além de proporcionarem o intercâmbio cultural de estudantes e assentados e promover o estudo in loco. Destaca-se que o turismo é sazonal, portanto se trabalhado de maneira isolada, pode prejudicar o desenvolvimento econômico das famílias assentadas, principalmente nos períodos de menor procura pela atividade.

Figura 7: Intercâmbio de conhecimentos entre alunos da Universidade Federal de Uberlândia e um assentado.



Autora: Luana Moreira Marques - Data: 06/2005.

visitantes, sendo necessário, então, a conscientização da comunidade quanto aos atrativos, potencialidades e seduções que o assentamento dispõe.

Considerações Finais

Diante dos resultados obtidos, percebeu-se que no caso do Assentamento Rio das Pedras, é aconselhável a apresentação do agroturismo e do turismo escolar como atividades em potencial, já que aliam a

Assim, o agroturismo e o turismo escolar tornam-se alternativas para o desenvolvimento local, através da geração de renda e de conhecimento. Todavia, outros segmentos turísticos não devem ser descartados, como o turismo de observação e até o turismo rural.

Por outro lado, segmentos turísticos como o de observação e o rural demandam mais investimento financeiro, mais capacitação de mão-de-obra, grande

melhoria de infra-estrutura e implementação de equipamentos turísticos como sistema de hospedagem e restaurante. Destaca-se também, que estes eixos ainda exigem maiores porções de áreas naturais, no caso do turismo rural e grande diversidade de fauna e flora endêmicas, no caso do turismo de observação, necessitando, portanto, de um alto investimento financeiro e tecnológico.

Para que o turismo seja efetivamente implantado no Assentamento Rio das Pedras, faz-se necessário, ainda, capacitar a população local, através de cursos, palestras e discussões a respeito da atividade e de suas implicações positivas e negativas.

Além disso, os assentados devem dominar assuntos como a necessidade da conservação ambiental, bem como aplicar este conhecimento no dia-a-dia, tendo em vista que a atividade turística depende das belezas cênicas e de um ambiente preservado para seu desenvolvimento.

Diante disso, faz-se extremamente necessário mover ações visando a conservação, bem como o uso racional das quatro áreas de reserva legal, presentes no Assentamento Rio das Pedras. Para isto, a comunidade deve trabalhar em conjunto, observando e impedindo práticas que venham causar impactos nestas áreas.

A produção agropastoril das famílias assentadas também caracteriza um grande atrativo turístico. Neste sentido, a implementação do Shopping Rural na área comunitária às margens da BR-365 representaria uma ação positiva, quando se remete ao desenvolvimento da atividade. Nos quiosques poderiam ser comercializados doces, queijos, farinhas e artesanatos, feitos pelos moradores do assentamento.

Por último, é necessário mostrar aos assentados os atrativos, as potencialidades e as seduções que caracterizam a área, bem como a importância do seu patrimônio

imaterial, isto é, as festas, os cultos e as crenças para o desenvolvimento do turismo.

Deve-se lembrar ainda, que o turismo não é uma atividade isenta de impactos negativos, mas se for desenvolvido de forma responsável, atendendo às necessidades dos visitantes e autóctones, constitui-se numa alternativa em potencial, que trará benefícios para um grande número de pessoas, pois movimenta todos os setores da economia, beneficiando desde a população local, passando pelos visitantes e chegando aos colaboradores informais.

Referências Bibliográficas

- BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. 8ª ed. São Paulo: Editora SENAC, 2003.
- CAVACO, C. **Turismo rural e desenvolvimento local**. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (Org.). *Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1999. pp. 94-121.
- EMBRATUR - **Glossário de turismo**. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>> Acesso em 12 fev. 2008.
- IBGE. **Censo Demográfico 2000**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm> Acesso em: 10 fev. 2008.
- IBGE. **Censo Histórico**. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censohistorico/1940_1996.shtm> Acesso em: 10 fev. 2008.
- INCRA. **Diagnóstico ambiental e projeto final de assentamento visando a obtenção da licença de operação corretiva: PA Rio das Pedras, Uberlândia - MG**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2002.
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo: Para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

- SANTOS, R. J.; PIRETE, M. J. "O novo rural" e o turismo ofertado por este espaço. In: SANTOS, R. J.; RAMIRES, J. C. M. (Orgs.). Campo e Cidade no Triângulo Mineiro. Uberlândia: EDUFU, 2004. pp. 175-195.
- SILVA, J. G. **O novo rural brasileiro**. Campinas: UNICAMP/IE, 1999.
- SILVA, J. G.; DEL GROSSI, M. E. **O novo rural brasileiro: uma atualização para 1992-98**. s/d. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/nea/rurbano/textos/downlo/atualizacao.html>> Acesso em: 09 nov. 2006.
- SILVA, J. G.; VILARINHO, C.; DALE, P.J. **Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil**. s/d. Disponível em: <www.eco.unicamp.br/nea/rurbano/textos/downlo/rurban18.html> Acesso em: 09 nov. 2006.
- TRIGO, L. G. G. **Turismo Básico**. 5ª Ed. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

Cronologia do processo editorial:

Recebimento do artigo:	09-jun-2008
Envio ao parecerista:	01-set-2008
Recebimento do parecer:	15-set-2008
Envio para revisão do autor:	16-set-2008
Recebimento do artigo revisado:	14-out-2008
Aceite:	14-out-2008